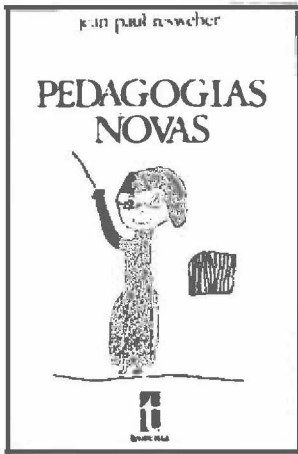


NOTAS DE LEITURA



RESWEBER, Jean Paul, *Pedagogias Novas*, Coleção Estudos Gerais, ed. Teorema, Lisboa, 1988

JOSÉ PEDRO FERNANDES *

Autor de obras como "La Philosophie de Language" (1985), "Le Méthode Interdisciplinaire" (1980) ou "La Pensée de Martin Heidegger" (1985), esta traduzida para português e editada pela Livraria Almedina em 1979, Resweber dedi-

ca-se especialmente à Filosofia e dá-nos neste livro uma reflexão "Filosófica" das Pedagogias contemporâneas. Não é um livro onde os estudantes de ciências pedagógicas possam encontrar uma simples "história dos movimentos e correntes pedagógicas actuais", à semelhança de outras obras neste género. Tão pouco se trata de uma obra que forneça uma pista de orientação para alguém que se vê metido numa confusa apresentação de múltiplas formas de encarar a educação, e que pretende encontrar um guião que o leve a atravessar cuidadosamente uma floresta de enganos ou desenganos. É um livro que nos apresenta uma reflexão sobre a justificação (no sentido mais fundamental da palavra) de algumas das mais importantes correntes pedagógicas contemporâneas, sem lhes expôr os argumentos, antes expondo-lhes os fundamentos sem as "apresentar", antes criticando-as e observando-as com um olhar "filosófico".

O livro dá-nos uma perspectiva mais profunda do que é habitual encontrar-se num livro desta temática: é na relação com o saber, com o inconsciente, com a liberdade e com as estruturas do desejo e da representação que a fundamentação de qualquer pedagogia deve ser compreendida. Na dialética entre o homem e o mundo, entre consciente e Inconsciente, entre passado e futuro, entre indivíduo e sociedade, entre saber e ignorância, nesse jogo da vida, qualquer que seja a corrente pedagógica, estrutura-se uma actividade que conduz o indivíduo à conquista de si e do mundo.

O que são as Novas Pedagogias? Não se reduzem a um rol de estratégias sem destino nem origem (a um saber tecnológico), ou a uma anárquica demissão das funções docentes (ausência de directrizes), nem sequer a uma orientação cada vez mais presa a ideologias. São, pelo contrário, pedagogias que se tentam livrar do jogo (jugo) do poder político, do poder paternalista (qualquer que seja a forma com que se mascare), são pedagogias que pretendem fazer um corte radical com as velhas pedagogias, estas sim condicionadas e inspiradas numa concepção teórica e prática do domínio do político. As pedagogias "clássicas" pretendem dominar e moldar o homem para um fim. As pedagogias

* Docente da ESE de Beja

novas pretendem de certo modo evitar esses 'modelos' apresentados para serem repetidos, e produzir o encontro do indivíduo consigo mesmo. É aliás no "indivíduo" que a educação deve obter a legitimidade. "As chamadas pedagogias clássicas dedicavam-se a conter as pulsões e a alterar o evoluir das necessidades; as pedagogias novas procuram ajustar e facilitar a difícil passagem da procura do desejo, da identificação de si ao nascimento de si". (pag.6)

O que, para Resweber, caracteriza as Pedagogias Novas é exactamente a dedicação às dimensões próprias do sujeito: a sua espontaneidade, o seu desejo, o seu imaginário, a resolução dos seus conflitos, etc. Muito mais do que a transmissão de cultura, de inserção de um indivíduo nos modelos disponíveis, oferecidos por uma geração anterior, a pedagogia nova propõe uma outra atitude para a educação: em vez de reproduzir modelos, servir-se destes para criar "indicadores": princípios próprios de orientação. E para defender esta tese e para testar o seu alcance, Resweber divide a sua reflexão em duas partes: uma reflexão sobre as "correntes pedagógicas" e outra reflexão sobre a própria "experiência pedagógica".

O ponto de partida das Pedagogias Novas, não é novidade, encontra-se em Rousseau com a denominada pedagogia negativa. Esta pressupõe a liberdade individual, o princípio do "deixai crescer", e uma crítica aos modelos culturais mais antigos. Mais ou menos todas as pedagogias novas lhe devem alguma coisa, quanto mais não seja a proposta de uma educação liberta dos modelos sociais, culturais e políticos. A crítica às instituições, à manipulação das crianças pelo poder, à imposição de uma forma única de saber, e outras das críticas das P.N. tradicionais, alcançam aqui um esclarecimento interessante. É sempre sobre o prisma da liberdade e do desejo, como as instâncias primeiras do sujeito, que Resweber avalia as pedagogias novas. É o caso da reflexão sobre a Anti-pedagogia, que, apesar de ser caracterizada como "uma corrente que concebe o saber e a ignorância como produtos sociais (pag.34), (com um tom marcadamente inspirado na dinâmica de reflexão de M.Foucault), e de criticar as técnicas, métodos e programas da pedagogia clássica", e de alterar o estatuto e funções do educador, não se fica por uma tentativa de justificação "ingénua" do "deixai a criança fazer o que quer", mas pretende mostrar que o que a Anti-Pedagogia como proposta (ainda) educativa tem, é algo que atinge a verdade do ser humano, livre dos condicionalismos tradicionais que se pretendia fazer substituir à própria individualidade da criança.

Extremamente interessante é também a análise da "Pedagogia Institucional", porque não expõe as propostas da pedagogia de Oury e Vasquez ou Lobrot mas antes encontra nesse sistema uma relação do indivíduo com o saber, com as instâncias sociais, com a chamada "dimensão inconsciente da instituição" e sobretudo com a linguagem. A instituição ao codificar uma linguagem faz funcionar consigo três instâncias: o real; o imaginário e o simbólico. A escola integra o aluno como a linguagem integra o indivíduo. O real corresponde à dimensão material, técnica; o simbólico "representa a dimensão inconsciente da escola: o conjunto de recalcamientos relativos à sexualidade e ao poder, o tecido dos fantasmas, ..." e o imaginário como forma de articulação do tempo e do espaço do discurso.

Há um domínio latente de desejos, de objectivos da instituição que não estão postos à luz, que a escola absorve e que torna ambiguo o papel da instituição. É este o tipo de

análise que Resweber faz, quer se detenha na "Dinâmica de grupos, na "Pedagogia Tera-pêutica" ou outra qualquer. É uma reflexão inspirada em leituras estruturalistas e psicanalíticas e talvez por isso se limite a certos aspectos da educação, ignorando muitas das dificuldades que se põem a estas pedagogias novas.

Na segunda parte do livro são abordados os "Imperativos Pedagógicos" e as estratégias. O imperativo do "ritmo, mais do que "fases" e "estádios" de desenvolvimento, é algo que caracteriza o educando, a sua forma de expressão e de interpretação: "Gravado no desenvolvimento do corpo, do pensamento, da linguagem e da relação, o ritmo é uma escrita. Ele desloca-se nas figuras da pulsão, na alternância da ausência-presença que define a relação, na alternância do significante-significado e do significante-significante que representa o sujeito, na superfície da instituição que repercute os sons e os segredos de uma vida em movimento, na realização da transferência". O que Resweber quer dizer fundamentalmente é que há um espaço e um tempo próprios de relação do indivíduo-meio, da criança que aprende com o meio (escola, saber, grupo social, etc.), que é um imperativo a que a educação tem que obedecer. Também a noção de corpo como lugar próprio da apropriação de si e do mundo, como ponto de partida da auto-descoberta, do jogo do conhecido com o desconhecido, e o imperativo da relação como condição de aprendizagem, como jogo de apreensão do Outro e ainda o grupo eo sujeito, passam por este modelo de análise.

Quanto às estratégias, Resweber está particularmente atento às estratégias apresentadas por algumas Pedagogias Novas, todas elas tendentes a dar lugar no homem ao seu imaginário próprio, ao seu mundo, à criatividade: são a pedagogia do interesse, do despertar (de George Jean), do imaginário, dos conflitos e dos objectivos. Nesta última estratégia é que se situa algo que pode ser menos sustentável: não haverá naturalmente uma ingerência da concepção antiga de "paideia" na definição de objectivos? Ou seja, não haverá na pedagogia por objectivos uma programação do que é o desenvolvimento do ser educável? Não haverá aqui uma manipulação do político à qual a educação se entrega? Para Resweber não parece haver grande problema, uma vez que o objectivo não é o saber, nem o fazer, mas o saber fazer. Resweber acha mesmo que este tipo de pedagogia pode desenvolver as actividades do despertar, do imaginário, da investigação. É que em todas as estratégias há uma ambiguidade de princípios que deve ser utilizado pela tarefa educativa, de modo a permitir que se estabeleça um "espaço de uma questão", para que haja a possibilidade de a criança ser o verdadeiro "sujeito" da passagem do saber ao não-saber, e do não-saber ao saber, mas que ao mesmo tempo permita uma ponte, ou um indicador dessa passagem - o pedagogo.

Para Resweber a questão dos imperativos pedagógicos das estratégias actuais colocam a pedagogia no centro da ética e não da política, portanto, não no domínio do social, do colectivo, mas do individual.

Como ponto de vista crítico, esta obra de Resweber deixa de lado algumas das questões mais óbvias que se podem fazer às Pedagogias Novas (sobretudo às consideradas no livro). Questões que envolvam uma concepção de aprendizagem, de saber, de evolução, inclusivamente uma concepção do homem, são temas que poderiam ser utilizados numa avaliação crítica das pedagogias.

A consideração do "sujeito" como ponto de partida absoluto para a pedagogia é pouco debatido; como se o sujeito devesse ser unicamente o polo educativo a ser considerado; como se o Desejo não tivesse outra forma (dialética) de se manifestar; como se a dimensão do "projecto humano" não significasse nada; como se a espontaneidade fosse princípio absoluto do comportamento humano, etc.

No entanto o livro deixa-nos uma reflexão que não é de todo inválida e oferece-nos um modo interessante de considerar os temas educativos. Sobretudo isto, e um exemplo de um exercício crítico e englobante do objecto educativo, tentando perceber uma dimensão mais ampla do que por vezes é dada numa exposição técnica das pedagogias.

Assina

LER
educação